

# ESPIANDO PELO BURACO DA FECHADURA: AMBIENTE E FORMAÇÃO SUBJETIVA NAS MEMÓRIAS DE UMA CATADORA DE MATERIAL RECICLADO

*PEERING THROUGH THE KEYHOLE: ENVIRONMENTAL EDUCATION, SUBJECTIVE DEVELOPMENT AND MEMORIES OF A GLEANER*

**Rodrigo dos Passos Faria<sup>1</sup>**  
faria.rpf@gmail.com

**Giselle Roças<sup>1</sup>**  
giselle.rocas@ifrj.edu.br

**Maylta Brandão dos Anjos<sup>1</sup>**  
maylta.anjos@ifrj.edu.br

**Luiza Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup>**  
luiza.oliveira@gmail.com

*1 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências (PROPEC). Rua Coronel Délio Menezes Porto, 1045, Centro, Nilópolis /RJ. 26530-060*

*2 - Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus Gragoatá. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (POPSI). Instituto de Psicologia. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Bloco N, Gragoatá, Niterói/ RJ. 24210-201*

## RESUMO

Trata-se do relato de parte de uma pesquisa que analisa as relações entre os conceitos de memória cultural e de ambiente. Entrevistamos uma catadora de material reciclado a fim de entender como o conceito de ambiente se institui na narrativa de suas memórias a partir da transcrição de suas falas durante entrevista realizada na 6ª Expo Catadores, em São Paulo. Porém, a dialogia do encontro entre a entrevistada e os pesquisadores instituiu um recorte específico para o tema, representado pela tríade memória - formação subjetiva - questão socioambiental. Neste relato, apresentamos as discussões acerca desse momento da pesquisa, em que o conceito de ambiente está sendo pensado a partir das interações com o conceito de formação subjetiva. Para tanto, o aporte teórico é constituído pela abordagem histórico-cultural, que, neste artigo, é representada pelos encontros de diferentes autores, cuja aproximação se dá pelo conceito de sujeito histórico. Esses autores são Vigotski, Pollak, Bakhtin e Freire. Essa interação com outros saberes é uma aposta da psicologia produzida contemporaneamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Cultural; Formação Subjetiva; Ambiente; Psicologia, Educação Ambiental Crítica.

doi: 10.22047/2176-1477/2018.v9i3.814

Recebido em: 15/12/2017

Aprovado em: 02/11/2018

Publicado em: 15/01/2019

**ABSTRACT**

*This report is part of a research that analyzes the relations between the concepts of cultural memory and environment. A collector of recycled material was interviewed to explain how the concept of environment is established in the narrative of her memories using the transcription of her speeches during an interview held at the 6th Expo Collectors in São Paulo. However, the dialogue between the interviewee and the researchers established a specific clipping to the theme, represented by the triad memory - subjective formation - socioenvironmental question. In this report, we present discussions about this part of this research, based on the concept of environment that is being thought from the interactions with subjective formation's concept. For that, the theoretical contribution is constituted by the historical-cultural approach, which is represented by the meetings of different authors in this article, whose approximation is given by the concept of historical subject. These authors are Vigotski, Pollak, Bakhtin and Freire. This interaction with other knowledge is a bet of psychology that has been produced contemporaneously.*

**KEYWORDS:** *Cultural Memory; Subjective Training; Environment; Psychology, Critical Environmental Education.*

**INTRODUÇÃO**

Este texto é o relato de uma experiência em pesquisa, que tem por objetivo discutir as relações entre os conceitos de memória cultural e de ambiente. Para tanto, entrevistamos uma catadora de material reciclado, a fim de entender como o conceito de ambiente se institui na narrativa de suas memórias. No entanto, a dialogia do encontro entre a entrevistada e os pesquisadores instituiu um recorte específico para o tema, representado pela tríade memória - formação subjetiva - ambiente. Neste relato apresentamos as discussões acerca desse momento da pesquisa, em que o conceito de ambiente está sendo pensando a partir das interações com o conceito de formação subjetiva. Para tanto, o aporte teórico é constituído pela abordagem histórico-cultural. Esta abordagem é afirmada nos estudos de nosso grupo de pesquisa pela psicologia de Vigotski, pela filosofia de Bakhtin e pela pedagogia de Freire. A aproximação entre esses autores se dá pela afirmação de ambos de que não existe um sujeito preexistente às relações concretas; falam, assim, um sujeito em dialogia com o outro. Não numa relação indiferente com o outro genérico, mas numa relação cotidiana e concreta com o outro, com o vizinho, com o aluno, com o professor, isto é, com o outro encarnado.

No estudo específico relatado neste artigo, fazemos, ainda, uma aproximação com a sociologia de Pollak, pois esse sujeito concreto se institui na obra do autor pelos estudos sobre memória e seus enquadres. O autor traz à cena a memória para desnaturalizar o vivido, para romper com a abstração das relações concretas. Assim, se deu nossa aproximação com o autor e com o conceito de memória que, nesta concepção, é instrumento de ruptura com o que já está dado, com formas naturalizadas. Para Pollak, a memória entre o singular e o coletivo interpela os modos já inventados de lidar com o outro, com a vida.

A memória é uma função psicológica superior que não tem uma univocidade nos vários campos de saber que a tomam como objeto de estudo. Uma definição mais elaborada do que a que perpassa as ideias simples de armazenamento de informação requer um projeto epistemológico, que revele a quais categorias a memória é tributária (OLIVEIRA et al., 2015). Sendo assim, estabelecemos neste artigo um recorte que nos aproxima de distintos campos teóricos que engendram a memória como tributária da cultura. Nesse caso, tomamos como

objeto a memória cultural construída na troca de signos verbais; liberada, assim, da experiência imediata e produtora do e produzida pelo contexto histórico. No entanto, esta perspectiva não nega a memória singular, pois afirma, a partir do método do materialismo histórico e dialético, o conceito de subjetividade como uma aposta na singularidade imbricada na cultura. Há, portanto, neste artigo, o propósito de trazer à cena essa discussão - o singular e o coletivo na constituição da memória.

A fim de desenvolver o objeto anunciado no parágrafo anterior, estabelecemos inicialmente um diálogo com dois autores que estudaram a memória cultural a partir da dialética entre o singular e o coletivo, Pollak e Vigotski. O encontro pode, inicialmente, parecer inusitado; porém, é a aposta na memória cultural como mediadora entre o singular e o coletivo que, nas nossas narrativas, podem ser estudadas e trazidas às diferentes visões que demarcam Pollak e Vigotski (OLIVEIRA e REGO, 2006).

É a partir da narrativa de uma catadora de materiais recicláveis que discutimos as noções de saberes popular e de saber científico sobre os aspectos socioambientais. O objetivo inicial tratava apenas da análise sobre como as questões socioambientais se constroem nas narrativas de alguns atores sociais. Porém, ao encontrarmos a catadora de material reciclado, que aqui ocupa o lugar de nossa principal interlocutora, essa categoria saber popular – saber científico foi engendrada e pode ser afirmada como relevante diante da perspectiva de uma psicologia histórico-cultural que circunscreve, em seus estudos contemporâneos (OLIVEIRA e SBANO, 2017), a subjetividade como processo em movimento e mudança que se dá nas contradições das relações concretas.

E o que não dizer da configuração desse sujeito que se inaugura na modernidade - em que a ciência é o saber autorizado - diante dos temas contemporâneos, como a questão socioambiental, que exigem novos arranjos, novos modos, novos operadores éticos, nova estética diante das interpelações feitas ao saber científico?!

Discutiremos o conceito de memória embasados nos aportes do sociólogo austríaco Michael Pollak (1989; 1992) e do psicólogo russo Lev Vigotski (2003; 2007). Para Pollak, a memória pode ser identificada como contatos físicos ou empíricos com objetos, signos, datas históricas, costumes, tradições, interações sociais ou individuais, transposição de conhecimento familiar, ética e folclore, entre outros. Isto é, Pollak institui os fatos sociais não como coisas, objetos sem sujeito, mas, ao se interessar por “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 3-15), o autor produz um conceito de memória que é singular e coletiva no mesmo ato, pois afirma ser fato social subjetivado, por isso, para escapar do determinismo social, fala em memória enquadrada em lugar de memória coletiva, em suas próprias palavras, “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar” (1989, p. 3) produz modos de pertencimento e fronteiras sociais entre comunidades/grupos. É questão de identidade, sim: não a identidade anunciada pelos pressupostos cartesianos, mas a identidade que não escapa às relações concretas do cotidiano. Não é a busca de uma identidade fora da sociedade, fora da história. É a identidade engendrada pelas condições de possibilidades políticas, históricas e sociais, mas é também a identidade inventada pela singularidade da concretude. Por exemplo: uma catadora de material reciclado narra sua história a partir desse lugar concreto constitutivo a partir desse não álibi, como diz Bakhtin (2012).

Pollak (1989) define como memória nacional os acontecimentos decorridos em uma nação, tal como corroboram Calandro e Pezzato (2013). Memória que foi transmitida ou vivenciada por geração ou grupo social e passada para os membros da geração/grupo social

seguinte. Por vezes, os sujeitos associam datas nacionais ou datas importantes como data de cunho pessoal, conforme exemplificamos no trecho abaixo:

“[...] Fui eleita em 28 de novembro de 2013, num congresso... no terceiro congresso nosso, lá no Rio de Janeiro (Congresso do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis). Dos noventa e dois municípios, compareceram quarenta e... cinquenta e dois municípios que me elegeram a nova representante [...] Isso aconteceu em Resende [...] Na Conferência do Meio Ambiente (Rio +20)... isso foi em 24 de outubro, 25 é meu aniversário [...] Aí quando cheguei, aquela comitiva dela, me recepcionando, abrindo espaço, me levou até onde ela estava (ministra), aí ela: - todos de pé! Uma salva de palmas para Claudete, porque hoje é aniversário dela...” (Entrevistada).

Pollak (1989) caracteriza acontecimentos que instituem determinados grupos como vulneráveis, num determinado período de tempo e local, como memórias subterrâneas, em que, através do “silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise” (POLLAK, 1989, p. 4). Desta forma, grupos sociais marginalizados, muitas vezes não têm voz na sociedade, permanecendo em um silêncio impositivo.

Assim, aproximamos a definição de memória de Pollak, memória enquadrada como ele chama, da definição de memória cultural de Vigotski (2007), que para o psicólogo russo está em oposição à memória natural, ou seja, aquela que é mediada por instrumentos e signos, que são coletivamente, culturalmente construídos. Essa mediação faz avançar não somente a memória, mas também as relações interfuncionais da memória com outras funções. A memória, então, trazida à cena em diferentes momentos da vida, em diferentes enquadres e contextos, permite o desenvolvimento do sujeito. Assim, podemos dizer a partir de Vigotski (2007), que a memória não é apenas arquivo de fatos, mas é, sobretudo, forma de desenvolvimento do sujeito diante das relações concretas, e aproximando Vigotski de Pollak, podemos dizer que é o desenvolvimento do sujeito e também a identidade inventada pela singularidade da concretude; trata-se, portanto, de formação subjetiva. Assim, podemos dizer que o sujeito é formação subjetiva, pois, ao longo do tempo e dos contextos, vai se constituindo diante das relações concretas. Não existe para o autor um sujeito a-histórico, universal e a priori das relações concretas.

As aproximações entre os dois autores nos permitem pensar a construção da memória e a formação subjetiva, ou seja, a constituição do sujeito. Esse é o recorte que fazemos neste trabalho, pois discutiremos, na dialogia da nossa interação com um ator social, a formação subjetiva desse ator social. É justamente na dialética da relação do sujeito com o outro e consequente tentativa de compreensão do outro, do mundo e de si mesmo, que se abrem para o sujeito as portas à sua constituição e (re)construção do mundo.

Vamos então ao encontro desse sujeito cultural e singular instituído na dialogia com o outro. Vamos ao encontro de uma catadora de material reciclado e da sua formação como sujeito diante da questão socioambiental e de outros temas gerados na dialogia do nosso encontro.

## MÉTODOS

A pesquisa é qualitativa, assumindo um caráter de pesquisa alternativa, devido a um aspecto determinante para o seu desenvolvimento – o exercício da práxis que significa não tomar o ator social como mero objeto de estudo e de intervenção. Constituir novas formas de

pesquisa, para além dos ideais positivistas, é escolha política, que revela um operador ético para além da desumanização dos sujeitos concretos (FREIRE, 1986).

A presente pesquisa foi realizada na 6ª Expo Catadores, em São Paulo. Este evento foi uma iniciativa do Movimento Nacional da Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) junto com a Associação Nacional dos Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis (ANCAT), em parceria com a Prefeitura de São Paulo e diversas empresas filiadas ao MNCR. No presente evento, ocorreram intervenções artísticas, palestras, feiras de negócios, oficinas e debates, bem como exposições artísticas e culturais. A estimativa deste evento foi de mais de 8.000 representantes de 26 estados brasileiros e 14 países. O evento teve a participação de 3.000 líderes de cooperativas e coloca a importância do Catador na economia do país. Tal evento ocorreu entre 31 de novembro e 02 de dezembro de 2015.

Como método utilizado para esta pesquisa, foi realizada entrevista seguindo um roteiro semiestruturado, gravada com representantes estaduais e nacionais do MNCR que se sentiram à vontade para participar. Porém, realizamos uma seleção aleatória para trabalharmos nesta pesquisa com apenas uma narrativa subjetiva. O primeiro contato realizado antes do evento foi com a representante nacional do MNCR do Rio de Janeiro, que se demonstrou disponível e muito solícita a participar. Foi apresentada a ela a pesquisa, os objetivos e a importância do trabalho com o resgate de memória. Esse contato primeiro possibilitou a realização da primeira entrevista. Todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um termo de autorização do uso de imagem e voz. O estudo foi aprovado pelo CEP<sup>1</sup> com parecer número CAEE: 54797916.4.0000.5268. Para a entrevista, utilizamos gravador, handycam (para analisar não só a história, mas também expressões durante cada contação) e anotação de pontos importantes citados durante a entrevista. Durante o evento foram abordados diversos representantes para a participação da pesquisa. Ao todo, conseguimos realizar cinco entrevistas. Entretanto, após análise preliminar, resolvemos utilizar uma única entrevista que traz, em seu bojo, os conceitos bakhtinianos apresentados na seção abaixo. Além disso, a entrevista apresenta os elementos sobre os saberes populares, conhecimento científico e questões socioambientais, nos permitindo atingir o objetivo desse estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos a fala de uma catadora de material reciclado. Vamos fazer essa apresentação a partir da constituição de temas, na perspectiva bakhtiniana. Bakhtin utiliza alguns conceitos para delimitação e identificação em suas análises de discursos, os quais são os **Gêneros Discursivos primário e secundário** (onde o **gênero primário** representa o saber e conceitos populares, adquirido pelas suas ligações fraternas, inicialmente, e depois, como a linguagem, seja pela fala, gestos, sinais ou signos, aprendem com o seu meio social, porém, e **gênero secundário**, que é inserido na formação cognitiva e através de trocas de saberes, através da criticidade sobre todos os assuntos que circundam este indivíduo e através das enunciações apresentadas, sejam elas pelas falas, gestos, sinais ou signos, e há a criação de uma tessitura que entrelaça o saber popular ao saber científico, que basicamente o representa). Da análise do pensamento do autor, depreende-se que a unidade de fundamento da diferenciação é histórica, assentada na concepção sócio-ideológica da linguagem. Daí a

---

<sup>1</sup> CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

compreensão de que o termo tipo, usado na conceituação dos gêneros, não se refere aos resultados de uma classificação teórico-abstrata, ou a uma visão textual/formal dos gêneros, mas ao caráter sócio-histórico do processo de constituição e de funcionamentos enunciados e dos gêneros no processo de construção e desenvolvimento do indivíduo (RODRIGUES, 2004); **Dialogia**: pois “a consciência individual é um fato sócio-ideológico (...) a consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 35); **Compreensão do Discurso de Outrem**: compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.

A cada enunciação<sup>2</sup> estamos em processo de entender, compreender e ser posto em prática ou não. Entendemos que, nesses processos, existe sempre uma troca de conhecimento, seja por indivíduos sociais ou pela literatura, e acabamos replicando conceitos que não são nossos, mas sim do que aprendemos ao longo da trajetória, no processo de compreender, entender e questionar, ou seja, fazendo corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 137); **Ideologia**<sup>3</sup>: “(...) o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 35); **Orientações Apreciativas**: na enunciação, no terreno do interindividual, cada elemento contém um sentido e uma apreciação, que é o material entoativo. Muitas vezes trata-se de uma interjeição ou de uma locução. A significação objetiva forma-se dependentemente do apreciativo.

Além disso, é à apreciação que se deve o papel criativo nas mudanças de significação. A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma

---

<sup>2</sup> Teoria Enunciativa/ Enunciação: trata-se basicamente a concepção dialógica de linguagem; ultrapassa a dicotomia língua e fala e acolhe em seu objeto a intersubjetividade (FLORES e TEIXEIRA, p. 152, 2009). Neste conceito, trabalham uma abordagem interacionista de linguagem e uma interação entre os históricos se materializa por meio da enunciação. Nessa perspectiva, o conceito de enunciação assinala o caráter pragmático do pensamento bakhtiniano, pois considera, além dos elementos linguísticos, o contexto social mais amplo, uma interação entre os usuários da língua (GONÇALVES e SIPRIANO, p. 154, 2013).

<sup>3</sup> Pensar é transformar, mas pensar é concreto, é ação humana cuja expressão se delinea de fora para dentro, sem excetuar uma coloração individual influenciada/influenciável pelo coletivo social em interação. Pensar é enunciar dialogicamente, porque até o discurso interior é dialógico, é recheado de vozes alheias, porque o enunciado alude à interação entre um eu, um outro e um objeto, pois até o discurso interior se constitui de gêneros discursivos carregados de signos ideológicos em constante devir. [...] É fato que o fenômeno ideológico se materializa na linguagem e é mais facilmente reconhecido através do olhar atento sobre a palavra em sua dupla materialidade: como *signo físico-material* e como *signo sócio-histórico*, pois os sistemas de signos, além dessa dupla materialidade, são produzidos como signos ideológicos que refletem e refratam a realidade. Levam-se em conta, então, dois pressupostos: (a) é o universo de signos o conjunto de signos de um grupo social ou de uma classe social; (b) é pelas palavras (portanto, pelos signos), produzindo gêneros discursivos, que os sujeitos representam o mundo. Assim, *o signo é corpo material do corpo social* que reflete e refrata a realidade, princípio dialético. Os signos são ideologizados na apreensão do real como representações, a forma como os sujeitos apreendem o vivido e o circunscrevem, são a amostra das transformações sociais. As palavras, como signos, são tecidas a partir de uma *multidão de fios ideológicos* disponíveis nas relações sociais, nas interações verbais (RODRIGUES e RANGEL, p. 1130-1131, 2015).

reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 140).

Portanto, cada enunciação tem um tema, porém a enunciação só se produz com a modalidade apreciativa. E não há como falar em apreciação, em reavaliação, sem referência ao “discurso de outrem”.

As tendências da apreensão apreciativa do discurso de outrem indicam as tendências sociais estáveis que se manifestam nas formas da língua entre o discurso narrativo e o discurso citado. Podemos dividir estas tendências da apreensão apreciativa do discurso de outrem em duas orientações (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014): o **estilo linear** é a primeira orientação, que cria “(...) contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 156), gerando tendências dogmáticas autoritária (típica da Idade Média) e/ou racionalista (própria da Modernidade). Este é um tipo de apreensão do discurso de outrem cujas marcas são a despersonalização e a preocupação com a objetividade; o **estilo pictórico** é a segunda orientação da apreensão apreciativa do discurso de outrem e tem por finalidade atenuar os contornos da palavra alheia, “a língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, p. 156). Este estilo também gera tendências: individualismo realista e crítico - infiltra o discurso citado com réplicas e comentários (forma de apreensão apreciativa típica dos séculos XVII e XVIII), e ainda o individualismo relativista, cuja marca é a diluição do contexto narrativo (forma contemporânea); **Discurso Polifônico**, que por conceber o dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem, o autor estuda a interação verbal locutor/alocutário e o jogo de vozes no interior do discurso (polifonia). No primeiro caso, o da dialogia, argumenta que o outro tem papel fundamental na constituição dos sentidos no discurso do locutor, defendendo que nenhuma palavra é nossa, mas repleta da voz do outro. Essa noção aparece através da ideia de que o falante nunca acha a palavra despovoada das vozes dos “outros”, pois nunca a encontramos de forma neutra, sem o ponto de vista de “outros”: “a palavra cada falante recebe da voz de outro e repleta da voz de outro” (BAKHTIN, 1981, p.176 *in* ZONIN, 2006, p. 4) [grafias dos autores].

É importante ressaltar que não estamos em busca de ‘enquadrar’ a fala da catadora de material reciclado nas categorias teóricas de Bakhtin, mas esperamos dar sentido à verdade, isto é, dar realidade à teoria. Isso humaniza a teoria e permite com que ela retorne ao campo das relações concretas e vice-versa. Este é o exercício da práxis, da dialética. Por isso, a nossa opção de dialogar com Bakhtin não representa a ideia de que as categorias construídas pelo autor nos ajudarão a compreender a ‘verdade’ na fala do entrevistado, mas, para ser fiel ao próprio autor, a ideia é de que as categorias por ele desenvolvidas nos ajudem a entender a polifonia do discurso.

Uma tríade constitui o tema desta pesquisa: memória-saberes-questão socioambiental. Tríade engendradora pela conversa com Vigotski, Pollak, o sujeito da pesquisa, Bakhtin e tantos outros autores que foram chamados à conversa.

Esta análise versa sobre a identificação na narrativa da entrevistada no que tange a subjetividade construída nas relações concretas. Assim, escolhemos a frase “uma ex-menina de rua, uma ex-pedinte, uma ex-camelô e hoje uma recicladora e uma mãe solteira, né!”. Como apresentação da fala da entrevistada, pois ela reproduz seu percurso desde a infância até a vida adulta. Esse desenvolvimento, embora pareça apenas singular, permite-nos mediar a discussão de conceitos importantes para analisarmos ações para uma educação ambiental crítica, pois engendra modelos sociais conservadores e críticos de formas de relação.

Termos como “menina de rua”, “pedinte” e “mãe solteira” são inventados por um modelo da exclusão social, dando, nesse trabalho, lugar à ação profissional: “camelô”, “recicladora”; além de destacar as questões de gênero. Aqui abrem espaço para novos termos, mais inclusivos, como a “recicladora”, “catadora de material reciclado”; apontando para lugares sociais produzidos pelo discurso da crítica social. A entrevistada conta como ‘saiu’ de um modelo conservador, de assistência, para a sua afirmação como sujeito nas práticas sociais. Isto revela a relação entre o singular (particular) e o coletivo (geral) e nos mostra como a história de vida pode produzir conhecimento. Do resgate da memória, durante a entrevista, emerge o conceito de memória subterrânea, no qual ao se identificar como pedinte, menina de rua, vem à tona o modelo de exclusão social considerado pela sociedade, assim como corroboram Medeiros e Macedo (2006).

Pollak (1989), ao descrever a memória, fala das categorias sem vozes e/ou silenciadas, que não possuem lugar na sociedade. Partindo deste conceito, os fragmentos memoriais presentes na sua história, demonstram esta ruptura no tempo/espaço, quando verificamos que ao longo dos anos elas se identifica como sujeito que tem ‘poder’ e voz e pode ser ouvida. Analiticamente, o materialismo dialético está presente em sua fala, em que passa a demonstrar através da dialogia seu papel social na historicidade do seu eu, ao mesmo tempo singular e coletivo. Essa construção subjetiva na narrativa da entrevistada nos leva a fazer aproximações entre o lugar do consenso e da crítica na questão socioambiental. Não que esta fala tenha sido feita diretamente pela entrevistada ou revelada por algo que esteja latente em seu discurso, mas foi produzida na dialogia entre ela e o entrevistador, na análise que está sendo feita. Outro texto está sendo produzido, inventado, tal como diz Bakhtin (2014).

Assim, temas como modelo conservador e modelo da crítica-social na constituição da questão socioambiental são trazidos à tona a partir da dialogia entre a fala do entrevistador e da entrevistada. Este novo texto produzido nos permitirá atingir o objetivo geral da pesquisa: analisar, a partir do resgate das memórias de catadores de material reciclado, como se estabelece a relação entre o saber popular e saber científico na constituição da questão socioambiental. Estas categorias oriundas da dialogia serão estudadas no prosseguimento desta pesquisa.

Identificamos uma latência da memória subterrânea no momento em que as lembranças da entrevistada vieram à tona, dando sentido a uma realidade não visível à sociedade, tornando a voz da entrevistada empoderada no decorrer da entrevista. A afirmação, construção e reconhecimento identitário se faz nas suas narrativas, tomando para si tal profissão e personalidade, ou seja, constituindo-se como sujeito, como menciona Freire (1986; 1992; 2014):

“Aí com dez anos eu me tornei uma catadora. Eu catava no turno da noite e de dia eu vendia doce, por que fiquei com vergonha de ficar pedindo esmola [...] mas já comecei a me envolver mesmo com a reciclagem: fazer a rua a noite, ajudar a minha mãe a fazer a triagem, ajudar a fazer o fardo do papelão pra depois vender [...] Comprei minha casa, minha mobília, sustentar os meus filho e estou até o dia de hoje, né! Aí eu vim avançando, óbvio, né! Assim, com até dezoito anos eu conheci o Movimento” (Entrevistada).

Esta troca de experiências nos aproxima do que Bakhtin (2014) diz sobre réplica:

a palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma

ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (p. 42).

Estamos apostando que a palavra não necessariamente é o simples fato de dizer, de enunciar algo: está englobando os signos adquiridos para construção destas palavras e de tal ideologia, quanto as formas de expressão da mesma na construção deste contexto sócio-histórico. Ou seja, tanto a memória quanto a dialogia estão sempre em fase de transição, nunca acabada, assim como a construção identitária, como já vimos anteriormente e apontado no trecho abaixo:

"Eu comecei a trabalhar com material reciclável com 10, 9 anos eu comecei já entendendo um pouco de reciclagem [...] aí a gente foi parar lá no Centro da cidade, na Rua Uruguaiana, aonde hoje é o camelódromo, ali era um galpão, um espaço, um terreno baldio. E ali quando minha mãe chegou tinha algumas mulheres com maloca, aquela maloquinha de cachote, de talba, com lona de plástico. Minha mãe toda perdida: - como é que eu faço? Aí começou a falar com uma moça, que hoje ela é falecida, a gente chamava até de tia Penha e tia Maria. E elas ensinaram minha mãe como sobreviver na rua. Ela: - Oh, aqui é o seguinte, a gente vai ensinar seus filhos a pedir esmola durante o dia e vender doce durante a noite e você vai vender vela na porta daquela igreja da Rua Uruguaiana durante o dia e a noite vai catar papelão, e a gente depois faz um cercado com caixote, forra o papelão no chão e cada um dorme com sua família [...] aí eu já estando acompanhando minha mãe, porque foi a maneira que começamos a ter para sobreviver, ajudava às vezes a rasgar uma caixa, juntar um saco de material reciclável" (Entrevistada).

Destacamos aqui a periodização da vida infantil, descrita pela entrevistada, na qual ela constitui sua infância como um período de aprendizagem laboral, dentro do contexto social em que está associada naquele momento de sua infância. Ao analisarmos o material de pesquisa, a entrevistada informa que antes da fuga dela, dos irmãos e da mãe, ela tinha "vida de princesa", o que nos remete a características de uma infância "saudável" ou o que a sociedade impõe que seja. Porém, a infância não é categoria universal, mas engendrada pelo contexto social. E em tal período da infância da entrevistada há uma ruptura desta infância, havendo uma viragem, como diz Oliveira e Rego (2006).

A primeira das três dimensões das relações entre desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades que vêm sendo exploradas na presente investigação é a da periodização do desenvolvimento, não tomado como a passagem por estágios predefinidos que constituiriam uma marcha natural e universal, mas como modos de inserção dos sujeitos em suas condições de vida históricas e concretas, bem como múltiplas formas de apropriação de tais condições (Oliveira, 2004). Culturas diferentes mapeiam o desenvolvimento de seus membros de diferentes maneiras. Os sujeitos, ao narrarem sua própria história de vida, usam marcadores que identificam pontos de viragem em suas trajetórias de vida, os quais podem ser mais ou menos precisos, indicam normalmente momentos de tensão, contradição ou crise, e, além disso, evidenciam diferentes modos de viver em relação àquilo que é oferecido como possibilidade no mundo cultural: temas, recursos, procedimentos, argumentos, modelos, normas, valores, etc. Os marcadores são idiossincráticos, mas, ao mesmo tempo, dialogam com os pontos de viragem culturalmente estabelecidos e com os significados compartilhados sobre a passagem pelos distintos ciclos da vida (OLIVEIRA e REGO, 2006, p. 121).

Todas essas experiências, nas narrativas memoriais, seguem uma linearidade temporal, correlacionando as memórias descritas por Pollak (1989), sejam do tipo nacional, individual. A entrevistada oscila nas lembranças ao transpor sua vida, porém não perde o lapso temporal existente para narração. Essa temporalidade que faz com que a memória pollakiana seja identificada.

“Estou presidente da cooperativa Reciclando para Viver. A gente não tem base, mas já somos registrados. Já tem quatro anos, está indo para cinco anos que estou presidente dessa cooperativa. Vai fazer três anos que estou representante do Movimento Nacional, né: estadual e nacional, pelo Movimento. Fui eleita em 28 de novembro de 2013, num congresso... no terceiro congresso nossa lá no Rio de Janeiro. Dos noventa e dois municípios, compareceu quarenta e... cinquenta e dois municípios que me elegeram a nova representante [...] Eu sou ex-sobrevivente da chacina da Candelária [...] Eu fui amiga do Sandro do 174. Participei do documentário 174 [...] entrei mesmo pra fazer parte da militância, na coordenação do movimento, em 2000 [...] Mas militante mesmo, foi em 2005” (Entrevistada).

O reconhecimento da profissão e o empoderamento da luta diária que vive, atuando como representante do movimento, mostra, segundo Freire (1992), a comoção e a emoção de ser alguém. Consentimento e autonomia de classe, representada por uma voz dentro de várias vozes. O incentivo de querer ser mais do que foi para aqueles que estão ao seu redor e o fortalecimento de seus pares, seguindo uma conduta ética, por assim dizer, e fiel aos seus preceitos. Igualdade de gênero e equidade de classe. Saber gritar para ser ouvida, mas sem perder a dignidade e educação, como menciona Freire (2014).

“Então sou mãe solteira desde os vinte e três anos, quando eu tive a minha filha. Eu assim, eu me sinto muito forte. Tenho maior orgulho em dizer: “sou negra, moro dentro de uma comunidade, sabe?” Mas sou uma mulher que tenho conhecimento das causas, assim, dos meus direitos enquanto uma cidadã brasileira. Ensino os meus filhos que eles têm que ter estudo sim. Não é porque a mãe não estudou que vocês não vão... A mãe esta dando condições de vocês está estudando. Mesmo sendo jogador de futebol, tem que ter estudo, porque senão depois não vai servir pra nada, que tem tempo pra terminar o futebol [...] Já recebi crítica por conta disso: - não, você tem que incentivar seu filho ser um advogado, pra poder cuidar da cooperativa, na gestão... em gestão ambiental. Eu falei: - eu não posso obrigar os meus filhos a vir ser um presidente da cooperativa, catar os resíduos, trabalhar com resíduo, porque eu trabalho com material reciclável. Eles têm o direito de escolher o que quer ser, né? É democracia, né? A mãe é, eles têm orgulho, mas eles não precisam ser também [...] – Tu não é não catadora, não? (risadas). - Eu sou dona ministra, sou do Rio de Janeiro, mas eu não sei o que vou falar aqui pra esse povo. Ela: - tu vai falar o que o teu coração deixar você falar. Tu vai falar tua realidade, o que tu vive. Fica calma, é isso que tu vai falar! Aí, me entra o grupo todo dos catadores...” (Entrevistada).

Neste sentido a entrevistada constrói uma posição subjetiva que, embora singular, tem as marcas dos “recursos, imagens e ideias atuais”, ou seja, os signos que definem sua ideologia dentro de um corpus social presente. Tal posicionamento da entrevistada traz as marcas do que hoje se espera da mulher: afirmação do seu empoderamento. Para Bakhtin (2014), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (p. 36), sendo esta ideologia um processo de ligação entre as interações sociais que tal indivíduo, em determinada classe preconiza na sua narrativa, tal como foi explicado mais acima. A narradora (entrevistada) não reproduz uma

ideologia que de forma supra-humana a determina, mas ela a reconstitui a partir dos seus micro espaços de convivência, de apreensão da fala do outro.

O passado tem uma existência material concreta e está inscrito nas estruturas do presente, mas não é sua reedição. Ele é uma reconstrução filtrada pelas seleções que a memória opera. Há, portanto, um diálogo permanente entre essas duas instâncias: enxergamos e questionamos o passado com os olhos do presente, e o passado sempre nos coloca condições e novas questões no presente. O conteúdo das memórias sempre será avaliado com base nos recursos, imagens e ideias atuais, pois lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e reelaborar as experiências do passado (Pollak, 1989; Thompson, 1992). Sendo assim, o indivíduo, ao elaborar uma narrativa autobiográfica, pode subestimar ou superestimar aspectos que considera mais – ou menos – legítimos na sua trajetória, pertinentes ao contexto em que a narrativa é produzida (LAHIRE, 2004; FERRAROTI, 1983 *in* OLIVEIRA e REGO, 2006, p. 128).

O simples fato de dar voz e deixar essa mesma voz ser ecoada, seja para esta entrevista ou numa mesa de congresso, mostra claramente a necessidade de ser quem é. Já mencionamos caracterizações identitárias e perfilização social, porém, para Bakhtin (2014), a dialogia é composta nas múltiplas vozes presentes num discurso que dá subsídio para construção do ser. Neste caso, a entrevistada não é diferente de nenhum dos autores supracitados, pois para que seu discurso seja propagado/construído, o mesmo vem embasado por experiências e a polifonia de seu coletivo que agregam valores significativos para tal réplica atual; claro que com sua personificação identitária (da classe social a qual está inserida), porém, dotada de múltiplas vozes que enriquecem sua linguagem e estética verbal. Nesse sentido, reconhece-se o estilo linear proposto por Bakhtin (2011), bem como o gênero primário na construção do secundário. A entrevistada segue falando do empoderamento:

“(...) Mas nisso eu já trabalhava dentro do Movimento, né! Eu era a única mulher, no meio dos três homens que tinha, que era o Gordin, Custódio e Tião. E eu fazia parte da contabilidade dentro do Movimento, né! E aí, vai, vai, vai... Entrei e to aí, com a militância, com a luta, sou mãe, sou amiga, só não tenho marido [...] Eu fui indicada na época, pela Holanda, o pessoal da Holanda, ser contemplada por um prêmio, né. Que em português é “Saúde, Trabalho Decente”, que eu concorri com 150 mulheres do país inteiro, assim, e eu ganhei em primeiro lugar nessa categoria. Aí, na Rio +20, discurssei com a chefe do estado, ganhei dois mil reais, que era lá o euro [...] Fui palestrar lá, né! Então, fiquei quinze dias lá na Holanda, palestrando, pra jovens que estavam se formando em faculdade, passando a minha experiência. E aí, veio o convite de eu até ir agora, dia 05, mas já falei que não poderia ir, porque eu ia pra França, porque a gente ia viajar agora dia 03. Então mudou agora. A gente vai dia 09 pra França. Aí eu joguei a minha outra viagem para o ano que vem. Pra março do ano que vem, pra ta indo lá dar palestra novamente” (Entrevistada).

Portanto, não devemos descartar o quão é importante que essa mesma voz tenha firmeza e altivez, questionando ou sendo questionado, literalmente brigando por aquilo que é justo para sua classe. Freire (2014) afirma que devemos ser fiéis àquilo que acreditamos, sendo éticos e conscientes dos nossos atos. Não um pensamento individualista, mas sim coletivo. Nesta concepção, percebemos a apreciação do outrem. Como liderança, representando o seus para um bem comum a tal classe. Reconhecendo que, pelo dito popular, “uma só andorinha não faz verão”, ou seja, o outro é importante nas transformações sociais

*ESPIANDO PELO BURACO DA FECHADURA...*

aqui descritas desde o início, seja na ideologia do grupo ou na singularidade que tal grupo representa, ele tem voz, dita por uma com inúmeras vozes agregadas ao seu discurso.

“Foi assim, um momento muito bom da minha vida, assim, que proporcionou um crescimento pra minha vida profissional também e um respeito mais ainda dos companheiros, né. Por que assim, agora aqui no movimento, desde quando eles me botaram na conferência de meio ambiente, na mesa com a ministra do meio ambiente, que não seria eu, seria a Marilza, do Paraná, que ia compor a mesa de abertura da conferência. Aí eu indo jantar, aí o Alex me puxou: - vai pra mesa. Você vai compor a mesa. (...) Eu morro de medo de falar errado, de um gafe... Aí eu falei: - não, eu... aí quando eu vi ele me jogou dentro da sala com um monte de ministro. Aí comecei a orar, né? Quando subi, começou a chamar os nomes: - agora Claudete Costa representando o Movimento Nacional dos Catadores (som de surpresa). Aí subi, aí sentei: - dona ministra! Aí ela: - que foi menina, tá passando mal? Eu: - dona ministra, o que é que eu vou falar aqui, dona ministra? – Tu não é não catadora, não? (risadas). - Eu sou dona ministra, sou do Rio de Janeiro, mas eu não sei o que vou falar aqui pra esse povo. Ela: - tu vai falar o que o teu coração deixar você falar. Tu vai falar tua realidade, o que tu vive. Fica calma, é isso que tu vai falar! Aí, me entra o grupo todo dos catadores, com ... a gente tem um mega bandeirão, que cobre tudo, né! Claudete!!! Ai, todo mundo. Os ministros tudo levantou, aí eu tô lá. – levanta menina, teu povo. Aí eu (pausa), toda acuada, né! Aí, começam os discursos... ministro daqui, ministro dali. Aí falam: - tu ta na cadeira da Dilma. Eu: - hã! – Na cadeira da Dilma! Tu sentou na cadeira de Dilma, a cadeira de destaque. Aí, eu: - hã, ferrou tudo! Aí me colocaram na cadeira que ia sentar a Dilma, sabe? Aquela coisa toda. Aí na hora de eu ter a minha fala, na frente, assim, aquele monte de chefe de estado, né: - Agora com vocês Claudete Costa, do Movimento Nacional dos Catadores! Mais de três mil pessoas... Aí começa eu falar, né! Aí falando um pouco, aí “ tô falando bem, né!” (Entrevistada).

O simbolismo na linguagem não está somente no enunciado da fala, mas nos gestos, expressões e até mesmo no silêncio imposto pela sociedade. Neste sentido, retornamos a importância da dialogicidade presente no discurso na práxis que a entrevistada demonstra.

“[...] - a gente cai crescendo no dia a dia, por que catador que é catador histórico, não que não possa ter uma faculdade, terminar seus estudos, mas não teve tempo pra estudar, então quando vem a estudar já é burro velho, mãe, pai... então não tem tempo pra melhorar o vocabulário, não! Vai melhorando com o tempo. Mandeí o recado. E aí fui tendo mais destaque dentro do movimento [...] Tu é brigona, você fala assim grosso, o povo já entende o recado, sabe. E isso pra gente é bom. E dentro do movimento também é assim. Eles vê o perfil de cada um pra cada ação, e aproveitam muito pra aqueles momentos, sabe, mais propícios pra poder mandar o recado, né! Eu: - é, enquanto Deus abrir portas e permitir, es me aqui par fazer, né, o trabalho, porque não é só a obra é o trabalho também. E, eu sou evangélica, tenho muita fé, aí Deus tem promessas em nossas vidas, né! Na Conferência do Meio Ambiente, um secretário, um ministro de um outro estado que eu nunca vi na minha vida. Isso foi 24 de outubro, 25 é meu aniversário. No outro dia seguinte, a ministra, o Custódio me ligou: - Claudete cadê você? Eu falei: - estou aqui no hotel ainda. – vem correndo que a ministra já falou três vezes o seu nome, que hoje é seu aniversário, e todo mundo tá querendo te aplaudir. Eu falei: – ah, que isso, gente? Uma catadora, a ministra já nem lembra mais de mim, Custódio. Ontem foi 24, hoje é 25. – tô falando sério! Aí quando cheguei, aquela comitiva dela, sabe, me recepcionando,

*ESPIANDO PELO BURACO DA FECHADURA...*

abrindo espaço, me levou até a sabe onde ela tava, aí ela: - todo mundo de pé! Uma salva de palmas pra Claudete, porque hoje é aniversário dela. Autografou livro pra mim, tirou foto. Aí depois, meu amigo: - é sapatão, gostou de tu! É assim... é incrível no meio da gente, quando ninguém é viado senão é sapatão. – Ela é sapatão. – ai gente, nada a ver, a ministra em carinho, respeito, né! Ai o pessoal assim: - fulano também. A ministra: eu sei, mas a Claudete primeiro. Eu me senti a tal naquele dia. Aí veio um ministro: - minha filha não te conheço, não sei quem você é, não sei a tua religião. Eu sou espirita. Creia você creia ou não: aquele lá de cima, a qual você serve manda te dizer que você será uma futura ministra desse país! Queria você queira ou não, está escrito no seu destino. Você ainda vai ser uma ministra desse país. Aí ele terminou de falar, me veio três evangélica: - ai, você é representante, crer tu ou não crer, mas você será nossa futura ministra! Aí eu falei: - gente, é um propósito de Deus. Aí depois eu voltei pro meu dia a dia, uma amiga minha evangélica, nem sabia dessas profecias, ela me entregou também. Futuramente vocês terão uma surpresa pro ano que vem, né!” (Entrevistada).

As narrativas acima apresentadas produzem a relação entre o saber popular e o saber científico, perpassado pelo saber religioso. Notamos que gêneros discursivos primário e secundário estão presentes na fala, flexibilizados pelo discurso religioso. Para Vigotski (2007), o conhecimento científico se dá ao longo do desenvolvimento psicológico do sujeito, como demonstrado no trecho abaixo. Percebemos que existe uma generalização de conceitos científicos (gravimetria), que com o tempo se entrelaçam com os conhecimentos populares (fazer um gravimétrico). Porém, com base nas dialogias, o saber científico ganha uma viragem, que vai permeando na fala do catador. Talvez, ainda não saibam como atribuir tal palavra no contexto verbal ou na enunciação correta, mas entendem o que significam e o que querem dizer com esta nova roupagem na linguagem.

“[...] A gente não fez ainda um gravimétrico de uma latinha. A gente sabe que sessenta e cinco latinhas já dá um quilo de latinha, mas a gente tá começando a estudar aí pra ver o que a gente economiza quando a gente tira uma latinha, quando a gente tira uma grama de papel, a gente tá começando a estudar nesse gravimétrico, pra poder tá jogando também... a gente tá tomando consciência bem avançada. Pra poder, quando for também [...] a gente tá economizando isso, a gente tá gerando energia tando disso, a gente tá gerando a água nisso, entendeu? A gente tá nessa linhagem já” (Entrevistada).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos nesse trabalho o estabelecimento de uma relação entre estilo de vida e questão socioambiental. Uma narrativa que talvez produza uma aproximação entre ‘empoderamento’, termo usado pela entrevistada em outro momento, e que nós denominamos ‘tornar-se sujeito das práticas sociais’. Reivindicar, lutar, não se deixar calar pelo poder hegemônico, possuir autonomia, são características freirianas presente o tempo inteiro na narrativa de nossa entrevistada.

Do ponto de vista socioambiental, faz-se necessário compreender o processo gerencial ou burocrático desta classe, desde a catação à prensagem e venda, bem como impostos que são pagos por tais serviços à sociedade. Serviços estes que não são reconhecidos como trabalho e sim como ocupação. A intencionalidade de saber mais sobre tal processo, a descrição deste serviço e a tentativa de chegar num denominador comum, que beneficie a

todos - sociedade, natureza e gestão pública - demonstram a criticidade de um saber popular que, podemos afirmar, se tornou um saber científico, não limitando tal grupo a uma "caixa", mas parte deste processo. A educação ambiental crítica, como descreve Bomfim (2011, 2014, 2015), se dá neste viés: sair do pragmático, do convencional, e se envolver de forma reflexiva e discutível para o bem da sociedade e do meio ambiente, contribuindo para a mudança de uma realidade que se encontra, como percebemos na atualidade, numa permanente crise ambiental (GUIMARÃES, 2004). Saber que retirou uma latinha das ruas já facilita tanto no processo de compra e venda para os catadores de materiais recicláveis, mas também, entender que esta mesma latinha poderia entupir bueiros e causar enchentes, gerando um problema socioambiental.

Na narrativa da entrevistada, percebemos que ocorreram diversas mudanças no quadro atual, no qual já possuem um "lugar" no espaço político e estão mais reconhecidos enquanto parte necessária das engrenagens do sistema; além disso, como produtores de mão de obras e de saberes. De acordo com Bomfim (2011), precisa-se "investir mais (ou considerar) na mediação de linguagem na relação sujeito/objeto; a relação homem/natureza no sentido de preservação ecológica" (p. 7). Ter atitudes que valorizem a natureza, não se desfazendo do homem, pois o mesmo pertence ao meio e vice-versa.

Relação entre formação subjetiva e ambiente instituída na fala de uma catadora de material reciclado: é exatamente isso que o saber acadêmico pode aprender com o saber popular. Isso institui outros modos de produzir pesquisa e intervenção.

Ambiente e formação subjetiva são apostas para pensar outra estética para a questão socioambiental, que mesmo em seu viés mais crítico, costuma trazer à cena um discurso sem sujeito, o que gera práticas singulares e coletivas no mesmo processo. Para tanto, um referencial comprometido com essa perspectiva é fundamental. A nossa aposta em Vigotski, Freire, Bakhtin e Pollak nos aproxima de autores ainda pouco referenciados quando se trata da questão ambiental e, além disso, nos possibilita pensar memória, aprendizagem, subjetividade como funções de um mesmo processo; e, mais do que isso: nos permite produzir a psicologia no encontro com as vozes "pouco ouvidas", com as diferenças da vivência concreta - o que se mostra muito importante para a psicologia que vem sendo produzida contemporaneamente.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros de discurso. In: Mikhail Bakhtin, **Estética da Criação Verbal**. 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 261-306, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. 2ª edição. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª edição. São Paulo: Editora Hucitec. 203p., 2014.

BOMFIM, Alexandre Maia do. Trabalho, meio ambiente e educação: apontamentos à educação ambiental a partir da filosofia da práxis. **Revista do LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 3-19, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6635/4854>>. Acesso em: jun/2016.

BOMFIM, Alexandre Maia do. A questão ambiental diante do paradoxo de Lula: ampliando a reflexão-ação do educador ambiental, p. 159. In: **Reflexões sobre a prática e a teoria da educação ambiental**. (Org.) RÔÇAS, Giselle e ANJOS, Maylta Brandão dos. Rio de Janeiro: Publit, 2014.

BOMFIM, Alexandre Maia do. **A questão ambiental na educação básica**. (Org.) BOMFIM, Alexandre Maia do; TRINDADE, Margarete Alvarenga Viana Mota; SILVA, Flora Gomes de Oliveira da e OLIVEIRA, Thiago da Silva. Rio de Janeiro: Publit, 2015.

BOMFIM, Alexandre Maia do. A desconstrução de certa educação ambiental. **Revista Ciências & Ideias**. Editorial: Temático Educação Ambiental. v. 6, n. 1, p. 1-2, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/reci/article/download/466/pdf>>. Acesso em: fev/ 2016.

CALANDRO, Thiago Luiz; PEZZATO, João Pedro. Memória e identidade no contexto de uma cartografia cultural: notas para discussão. **Revista Eletrônica de Geografia: Territorium Terram**. v. 2, n. 3, p. 13-28, 2013. Disponível em: <[http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium\\_terrarium/article/view/550/545](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terrarium/article/view/550/545)>. Acesso em: jun/ 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/3015/1946>>. Acesso em: jun/ 2016.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). 6ª edição. **Pesquisa Participante**. São Paulo. Editora Brasiliense. p. 34-41, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8ª edição, Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 245p., 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48ª edição, Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 143p., 2014.

GONÇALVES, João Batista Costa; SIPRIANO, Benedita França. Enunciação e interação: diálogo entre a teoria bakhtiniana e a Pragmática. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 28, n. 2, p. 153-165, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rh/article/view/6487/5239>>. Acesso em: jun/ 2016.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Org.). **Identidade da Educação Ambiental Brasileira**. 1ª edição. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de; MACEDO, Kátia Barbosa. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): p. 62-71, 2006. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf)>. Acesso em: jun/ 2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2 (50), p. 119-138, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631>>. Acesso em: jun/ 2017.

OLIVEIRA, Luiza Rodrigues; LATINI, Rose Mary; SANTOS, Maria Bernadete Pinto dos; CANESIN, Fátima de Paiva. A contextualização no Ensino de Química: uma análise à luz da filosofia de Bakhtin. **Revista Ciências & Ideias**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 29-45, 2015. Disponível em <<https://www.revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/reci/article/view/355/pdf>>. Acesso em: jun/ 2017.

OLIVEIRA, Luiza Rodrigues; SBANO, Valmir Cândido. Subjetividade, psicologia histórico-cultural e prática do psicólogo na escola. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1917/1418>>. Acesso em: jun/ 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução: AUGRAS, Monique. Edição: Dora Rocha. Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: jun/ 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução: AUGRAS, Monique. Edição: Dora Rocha. Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <[www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf)>. Acesso em: jun/ 2017.

RODRIGUES, Jéssica Nascimento; RANGEL, Mary. Da linguagem à ideologia: contribuições bakhtinianas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1015 - 1142, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/31826/pdfa>>. Acesso em: jun/ 2017.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, 2004. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/272/286](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/272/286)>. Acesso em: jun/ 2017.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes. 194p., 2003.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 182p., 2007.